



GUIA DIDÁTICO

FEIRA DO VER-O-PESO: UM ESPAÇO NÃO FORMAL E INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO

**Gleyce Thamirys Chagas Lisboa
Nívia Magalhães da Silva Freitas
Nádia Magalhães da Silva Freitas**



BELÉM - PARÁ - 2020



FEIRA DO VER-O-PESO: UM ESPAÇO NÃO FORMAL E INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO

**Gleyce Thamirys Chagas Lisboa
Nívia Magalhães da Silva Freitas
Nádia Magalhães da Silva Freitas**

SUMARIO

APRESENTAÇÃO	4
A HISTÓRIA DA FEIRA DO VER-O-PESO	5
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS.....	13
A LOCALIZAÇÃO, A ECONOMIA E A TERRITORIALIZAÇÃO DA FEIRA DO VER-O-PESO	14
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS.....	17
FARMACOLOGIA E “ENCANTARIAS” DO VER-O-PESO	18
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS.....	22
A “ARTE MARAJOARA” PRESENTE NO VER-O-PESO	23
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS.....	28
ATIVIDADES PROPOSTAS	29
ATIVIDADE 1.....	29
ATIVIDADE 2.....	29
ATIVIDADE 3.....	30
ATIVIDADE 4.....	30
ATIVIDADE 5.....	31
Exemplo:.....	32
Exemplo:.....	32
ATIVIDADE 6.....	32
ATIVIDADES 7.....	34

APRESENTAÇÃO

O presente Guia Didático foi elaborado com a intenção de apreender os múltiplos aspectos da feira do Ver-o-Peso, um espaço não formal e não institucionalizado de educação, para constituição de um documento fundamentado na perspectiva da interdisciplinaridade. Assim, caros professores, este Guia constitui-se aporte teórico e metodológico para a realização de uma visita ao local, visando o aproveitamento e a exploração do ambiente por ambas as partes (professores e alunos).

O Guia Didático está dividido em cinco sessões, quais sejam: (1) a história do Ver-o-Peso; (2) a localização, a economia e a territorialização da feira do Ver-o-Peso; (3) as encantarias e a farmacologia da feira do Ver-o-Peso; (4) a reprodução da arte marajoara presente no Ver-o-Peso; e na última sessão (5), constam propostas de atividades para o professor desenvolver junto aos alunos, as quais atendem três momentos (antes, durante e depois da visita). Aproveite a ambiência da feira do Ver-o-Peso para ratificar que o conhecimento se encontra presente em todas as situações cotidianas da vida.

Boa leitura! Boa visita!

A HISTÓRIA DA FEIRA DO VER-O-PESO

GRAVURA 1: Quadro “Fundação de Belém”, de Theodoro Braga.



Fonte: Jornal O Liberal (12/01/2016).

A história da feira do Ver-o-Peso se confunde muito com o surgimento da cidade de Belém. A fundação da cidade de Belém se deu por Francisco Caldeira Castelo Branco, no dia 12 de janeiro de 1616, como um processo de ocupação e penetração da Amazônia em caráter continental. A ocupação foi um ato de clarividência política expresso em termos geográficos, ou seja, a localização espacial foi determinante para a ocupação¹.

Na imagem acima, podemos notar a intenção do pintor Theodoro Braga em retratar

o primeiro encontro entre índios e portugueses, mostrando a população encontrada no local, índios despidos e alguns colonizadores com roupas e flechas, realizando um trabalho de fiscalizar o serviço indígena. Outro aspecto da pintura é a relação do rio com o continente, o que parece ter sido a principal causa de ocupação do local que viria a ser a cidade Belém.

A necessidade de estabelecer domínio na região por parte da coroa portuguesa, fez com que surgisse o Forte do Castelo e a Igreja da Sé, pois para os portugueses o primeiro demonstrava poderio

militar, haja vista que o mesmo foi construído em local estratégico para demarcar território e impedir a passagem de embarcações sem a autorização da coroa portuguesa. Já o segundo, visava estabelecer domínio religioso no local. Um fato importante de mencionar é a presença de várias igrejas católicas, umas próximas das outras, no bairro da Campina, local vizinho à feira do Ver-o-Peso.

A cidade de Belém, em frente à Baía do Guajará e rio Guamá no século XIX, facilitava

o entreposto comercial com a coroa portuguesa. Por essa razão, Belém se tornou parada obrigatória para quem queria navegar pelo grande rio (rio Guamá); e, em virtude disto, circulava pela Baía muitas embarcações comerciais indo ou voltado da Europa. Fato ilustrado na Gravura 2, ou seja, referência à várias embarcações que navegavam pela Baía de Guajará e do poderio militar e religioso, estes, representados pelo Forte do Castelo e pela igreja.

GRAVURA 2: Vista da Baía do Guajará no século XIX.



Fonte: Jornal O Liberal (12/01/2016).

A movimentação e a comercialização de mercadorias manufaturadas, advindas da Europa para a região, bem como os produtos extrativistas locais eram muito intensas, o que obrigou a coroa portuguesa a criar um local para a arrecadação de impostos. Assim, em 1687, o então governador e capitão general do estado do Maranhão e do Grão-Pará solicitou ao rei de Portugal a criação do Ver-o-Peso, com objetivos fiscais para cobrar impostos sobre as mercadorias que dali ganhava seus destinos pelo mundo a fora.

Nesse local de arrecadação de impostos, para todas as mercadorias que passassem por

Belém, surge, então, o Ver-o-Peso ou casa de Haver-o-Peso, pois alguns compravam produtos e se dirigiam ao local para conferir se a pesagem estava correta. O Ver-o-Peso viu seu auge na época da exploração da borracha, uma vez que ficavam nos cofres da Câmara de Belém os impostos recolhidos sobre a comercialização da borracha, ao serem exportadas para Europa.

É nesse contexto, que Antonio Lemos utiliza os recursos arrecadados com os impostos da borracha para embelezar e modernizar a cidade, de acordo com os padrões burgueses europeus, até mesmo o Ver-o-Peso, na virada do século XIX e XX, recebeu uma construção do

Mercado de Ferro, pré-fabricado na Inglaterra e trazido para a Amazônia, o qual até hoje faz parte da paisagem do Complexo Ver-o-Peso.

A Gravura 3 retrata o mercado do Ver-o-Peso em meados do século XIX, com grande movimentação de embarcações próximas ao canal

do Pirí, que dividia a feira e o bairro da Campina. Percebemos, nessa imagem, a importância comercial que o local já possuía. Nesse período, o Ver-o-Peso já não mais arrecadava impostos e sim comercializava mercadorias integrando os caboclos amazônicos com o núcleo urbano.

GRAVURA 3: Mercado do Ver-o-Peso meados do século XIX.



Fonte: Jornal O Liberal (12/01/2016).

É interessante observar que ao longo do tempo, o Ver-o-Peso mudou sua função social, assim, de local de arrecadação de impostos das exportações e importações passou a ser a maior feira livre da América Latina, isso se deu em consonância com as mudanças sofridas pela cidade de Belém, as quais influenciaram diretamente o Complexo Ver-o-Peso e seu papel no contexto da imagem urbana.

A cidade de Belém já passou por três significativas mudanças ao longo do tempo, a primeira refere-se aos anos em que o Ver-o-Peso tinha como única função a arrecadação dos impostos e, principalmente, o enriquecimento da cidade em virtude de transferir estes impostos para a Câmara. O segundo momento é o período que relata a época em que a borracha não era mais exportada da Amazônia

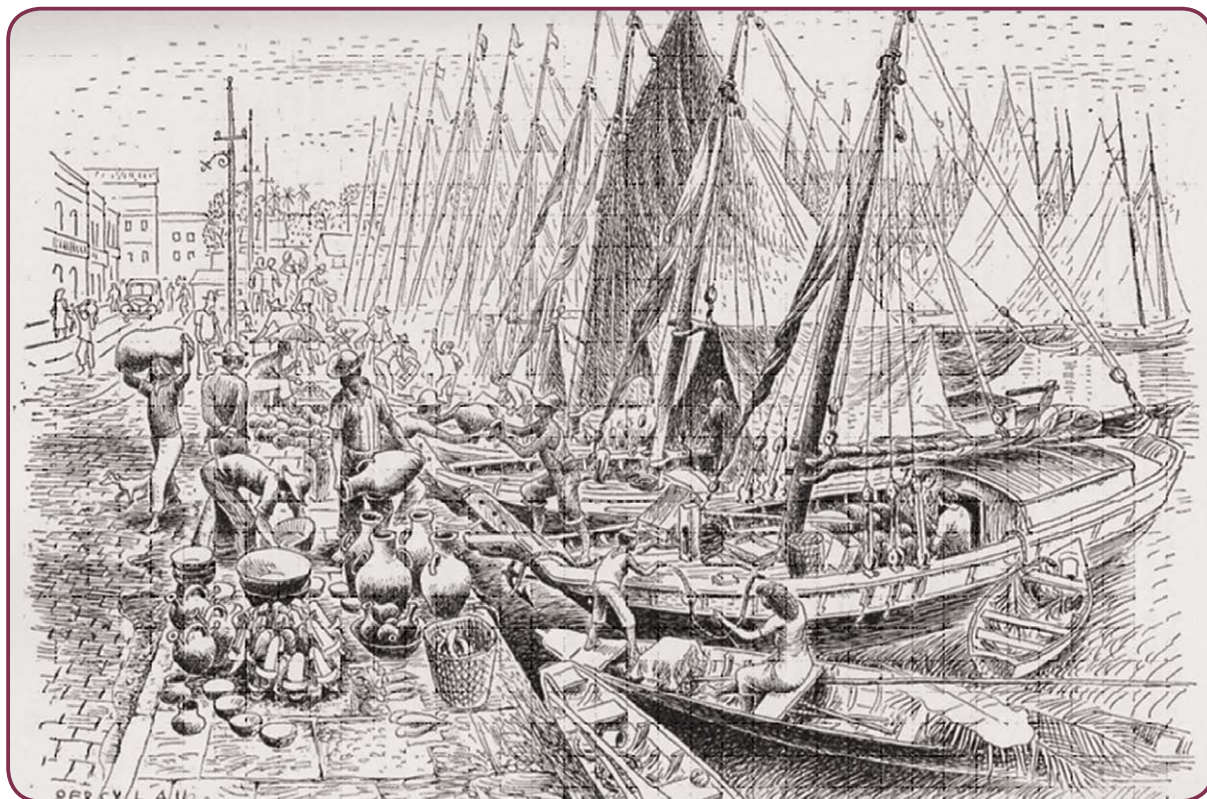
para a Europa e sim do continente Asiático. Isso implicou uma decadência econômica da região e, conseqüentemente, do Ver-o-Peso, que passou a não mais arrecadar, mas tão somente ponto de encontro para comercialização de mercadorias, aqui a função do local é modificada em decorrência de um processo que se direciona do global para o local.

A feira, em 1948, é descrita como um local em total desordem com mercadorias que incluíam cestas de fibras, panelas, louças, verduras, legumes, farinha de mandioca e ervas da Amazônia, algumas destas para fins medicinais e outras com atributos místicos. Os ribeirinhos traziam seus produtos para serem comercializados à margem do rio e já manifestavam sua subjetividade, ao conferirem as ervas o poder de curar doenças de natureza física e metafísica.

A Gravura 4 faz referência à chegada dos produtos das áreas rurais, por meio de embarcações, e à comercialização as margens do rio. A princípio, uma pequena feira em que os ribeirinhos vendiam para os

moradores da cidade seus produtos. Nessa imagem, podemos observar as embarcações dos ribeirinhos, os peneiros para a venda das mercadorias e os estivadores carregando produtos na cabeça.

GRAVURA 4: Ver-o-Peso, de Percy Lau



Fonte: disponível em <http://www.consciencia.org>. Acesso em: 15 jun. 2015.

As mudanças para a organização da feira começaram no mandato do governo de Alacid Nunes (1966-1971), que promoveu modificações de barracas móveis para barracas fixas e pagamento de taxas para as associações que se criaram em virtude da necessidade de manter a ordem. O último processo de mudança da cidade de Belém, referiu-se ao crescimento acelerado com a verticalização da cidade, deixando de ser uma cidade ribeirinha para ser uma metrópole da Amazônia e, para que este *status* pudesse ser mantido, implantam-se equipamentos presentes em

grandes cidades, tais como condomínios de luxo e *Shopping Centers*, principalmente para a burguesia local. Vivenciam-se, então, mudanças culturais.

Acompanhando o crescimento urbano, temos a deterioração da cidade, principalmente nos bairros periféricos, em relação aos aspectos social e ambiental. Evidencia-se, nesse momento, a “expulsão” dos moradores pobres dos bairros da Campina e da Cidade Velha, mediante a cobrança de altos impostos. O esplendor do auge da borracha foi sendo deixado de lado, em detrimento da modernização paisagística.

No ano de 1965, a movimentação era intensa do comércio em volta das docas, o colorido e a diversidade das embarcações marcavam o cenário. Mas, agora, a comercialização das mercadorias não ocorria dentro das embarcações e sim aos arredores do mercado de ferro. Com a revolução cultural para a vida moderna, muito se perdeu, notadamente o hábito de comprar, em locais ao ar livre, produtos *in natura* trazidos por ribeirinhos, advindos de locais do estado marcados pelas riquezas naturais.

O movimento de transeuntes nas ruas dos bairros, e até mesmo na feira, não é algo recente e permanece nos dias atuais, apesar de tantas mudanças advindas do século XX. Podemos notar, no compósito abaixo, Gravura 5, a representação da movimentação intensa na área, como referente ao passado e ao presente. Os ex-moradores dos bairros da Campina e da Cidade Velha ainda conseguem comprar seus produtos no Ver-o-Peso, pela facilidade de chegar ao local, pois o itinerário da maioria das linhas urbanas de ônibus passa em frente ao Ver-o-Peso.

GRAVURA 5 – O antes e o atual do Ver-o-Peso



Fonte: Jornal O Liberal (12/01/2016)

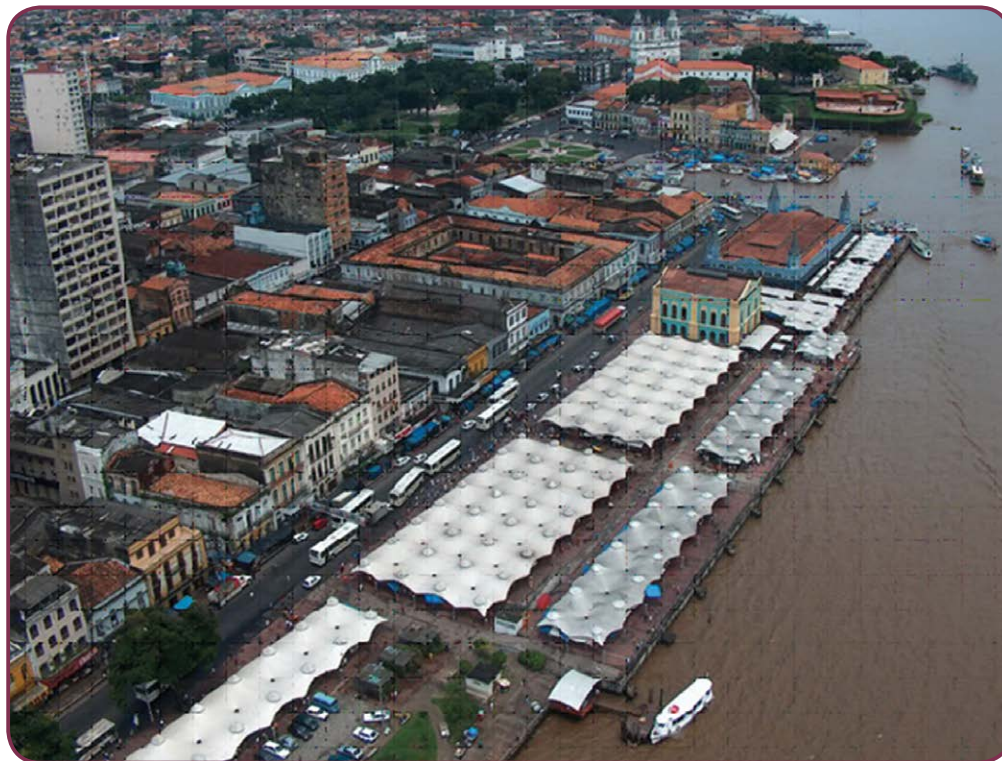
É nesse último momento, que evidenciamos os aspectos relacionados ao capitalismo – grandes multinacionais chegando a todos os locais do mundo, e aqui a construção do primeiro *Shopping Center* na cidade de Belém, entre outros aspectos. Então, confronta-se o conforto e a segurança do *Shopping* e a precariedade de um espaço – a feira do Ver-o-Peso – inserido em um centro histórico, com fortes indícios de abandono por parte do poder público.

Mas é nos anos de 1980, que a feira do Ver-o-Peso passa por uma mudança estrutural, realizada pelo então Prefeito de Belém Almir Gabriel, embora alheia a participação dos trabalhadores locais. As barracas são padronizadas, dois mercados e o Solar da Beira são restaurados, observa-se, também, a reconfiguração da feira do Açá com a introdução de quiosques e desobstrução da Ladeira do Castelo, com isto a ampliação e o reordenamento do local estavam prontos.

Relata-se que essa intervenção acabou piorando a situação, evidenciada após algum tempo, pois o ar se tornou rarefeito, principalmente no momento de alto contingente de visitantes; o calor era muito grande e a situação mostrava-se insalubre para os comerciantes. As barracas foram recobertas com materiais (papelão, lonas etc.) que não lhes conferiam aspecto adequado a um espaço de frequente visitação.

A terceira grande intervenção se deu no mandato do Prefeito Edmilson Rodrigues (1999-2004), de maneira bem diferente da anterior, agora de forma participativa com os comerciantes locais, valorizando a cultura local e as práticas cotidianas. A feira do Ver-o-Peso ganha novo e moderno visual (FOTO 1). A imagem revela a dimensão das mudanças ocorridas, notadamente junto às barracas que ganharam novas coberturas para conferir maior conforto térmico ao espaço. Essa estrutura encontra-se até os dias atuais.

FOTO 1- Visão aérea do Ver-o-Peso



Fonte: disponível em: <http://www.skyscrapercity.com>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Entretanto, a despeito da feira do Ver-o-Peso constituir-se patrimônio cultural da cidade de Belém, evidenciam-se muitos problemas de ordem social e ambiental. De todo o modo, há que se valorizar as práticas do Complexo Ver-o-Peso, principalmente para que a concorrência com os enclaves do capitalismo possa ser leal e, ao mesmo tempo, que a mesma possa se manter imponente atualmente e frente às mudanças futuras.

Na representação que se segue (MAPA 1), podemos evidenciar o posicionamento do Ver-o-Peso, mais especificamente no bairro do Reduto, região metropolitana, com suas múltiplas divisões em setores, designadas pela letra P, acompanhadas de números. Indicamos como ideal, que se inicie a visita pelo P-12, setor de mercadorias em geral, pois assim o aluno poderá perceber que na localidade não se comercializa apenas produtos regionais e sim uma variedade de mercadorias advindas de outras regiões ou até importados.

Logo próximo, temos o P-15, setor de plantas ornamentais, no qual os alunos poderão observar algumas plantas utilizadas para embelezar as casas, plantas, estas, muitas vezes oriundas da nossa floresta. O Setor P-05 é um dos setores mais apresentados pela mídia, setor de refeições. Nesse setor, o aluno poderá observar o processo de produção das refeições, além de identificar a presença de produtos regionais na composição de pratos como peixe frito e camarão com açaí, característicos da nossa cultura alimentar.

O P-02 é uma área de bares, com funcionamento no período da tarde, assumindo, assim, espacialidade diferente, como falaremos adiante. Se continuar em linha reta chegaremos ao Setor da Maniva, P-04. A maniva é produto retirado da folha da mandioca, que por possuir uma toxicidade elevada necessita de um cozimento de vários dias e, deste modo, são comercializados no Ver-o-Peso já pré-cozida.

O setor P-17 é um dos setores que merece destaque neste guia, pois é adequado para trabalhar conteúdos presentes na área de artes, uma vez que são comercializados artesanatos fabricados a partir de cipós até peças de cerâmica com traços da arte marajoaras. O P-16 é o setor das polpas de frutas advindas dos interiores para serem comercializadas na cidade, as frutas mais comuns são: cupuaçu, bacuri, taperebá, uxi, entre outros, frutas típicas da região amazônica.

Nos setores P-10, P-13 e P-09, de um modo geral, são encontradas frutas frescas desde banana, uva, maçã, mamão etc.; a mercearia trabalha com vendas de produtos nativos diversos e o destaque é dado à venda da farinha, do camarão e do tucupi. Já o P-11 é diferente dos demais, pois é o setor de hortifrutigranjeiro, no qual se comercializa hortaliças, verduras, legumes, molhos, pimentas etc.; seu diferencial está relacionado à sua localização, precisamente no interior Complexo.

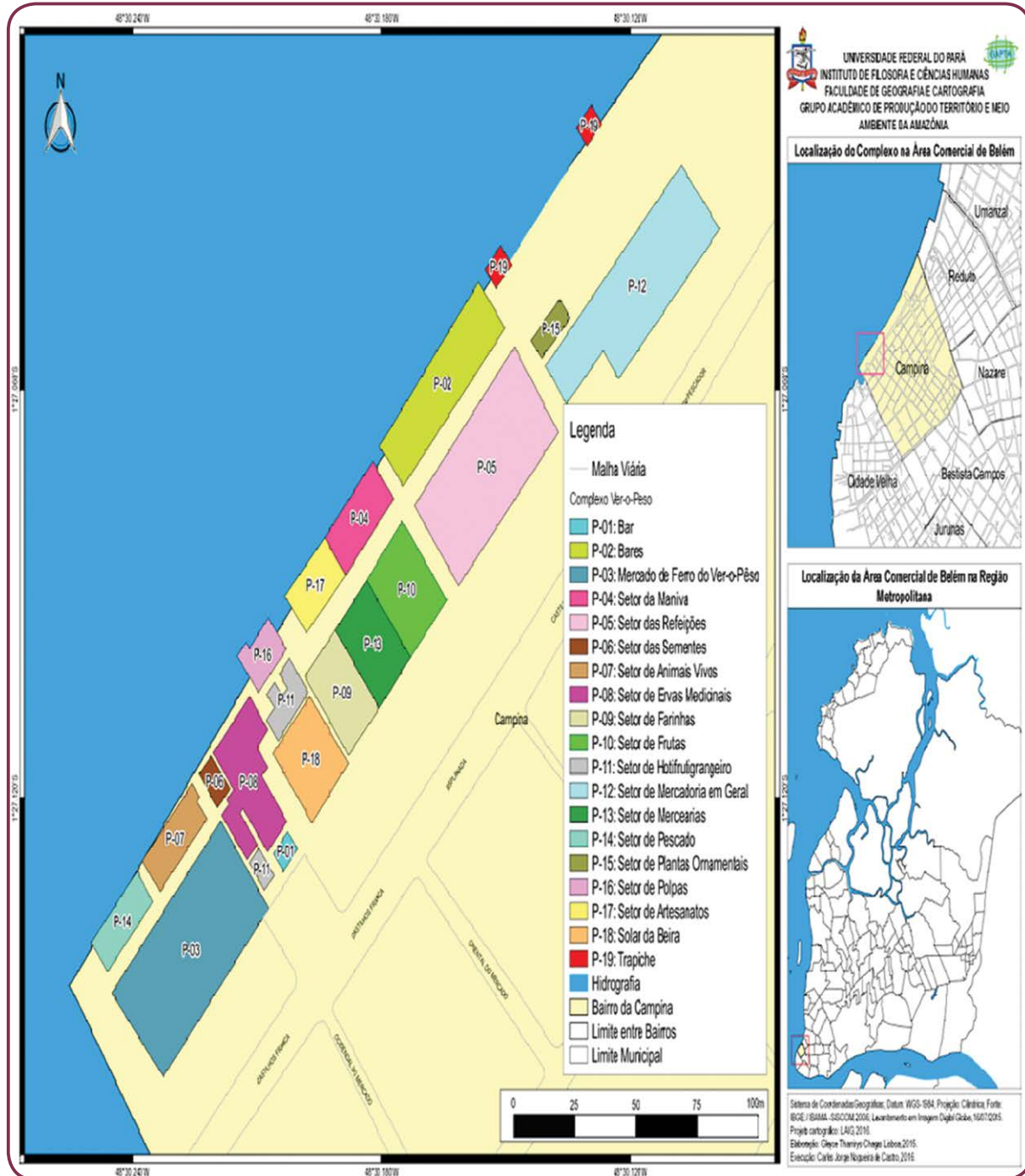
O P-08 merece destaque também, porque se trata do setor de ervas medicinais e de “encantarias”. Os conhecimentos das propriedades medicinais das ervas têm sua origem na cultura indígena. Já, com relação às “encantarias”, visando a “cura da alma” entre outros atributos, tem sua origem na cultura afrodescendente, difundida na região durante o processo de escravidão. Há uma sessão no presente Guia falando especificamente sobre isso.

Os setores P- 03 e P-18 são locais que retratam o auge da *Belle Époque*. Por meio das construções arquitetônicas, os alunos poderão notar características dos prédios da época e a influência que a Europa assumiu em determinado momento da história do Pará. O P-06 é o setor de sementes da região e o P-07 é o setor de venda de animais vivos, estes dois setores conseguem estabelecer uma união da cidade com o rural, da capital do estado do Pará com as demais cidades do interior e com sua cultura.

Na parte inferior do Mapa 1, observa-se a localização do Complexo do Ver-o-Peso na área comercial de Belém. Destaque pode ser conferido ao rio para o surgimento da cidade e

para o desenvolvimento econômico do lugar. De um modo geral, o Mapa 1 lhe ajudará a planejar sua visita, no sentido de efetivar escolhas que melhor contribuam para o sucesso da visita.

MAPA 1 – Representação da localidade da feira do Ver-o-Peso



Fonte: Lisboa, 2019.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

BAENA, Antonio Lemos. **Compêndio das eras da província do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969.

CRUZ, Ernesto. O Ver-o-Peso: um capítulo da história colonial do Pará. **Revista de História**, São Paulo, v. 254, n. 50, p. 519-526, 1962.

CRUZ, Ernesto. **Procissão dos séculos**: vultos e episódios da história do Pará. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1999.

FLEURY, Jorge Nassar; FERREIRA, Aline Alves. Ver-o-Peso da cidade: o mercado, a carne e a cidade no final do século XIX. **Revista de Estudos Amazônicos**, Belém, v. 6, n. 1, p 100-116, 2011.

LIMA, Maria Dorotéia de. **Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais**: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. 172 f. 2008. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Belém. 2008.

MALHEIROS, Ubiraélcio da Silva. A imagem de Belém e do Ver-o-Peso: seguindo os passos da modernidade. Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 6, Goiânia, UFG; FAV, 2013. **Anais eletrônicos...** Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-046-eixo1_Ubira%C3%A9lcio_Malheiros.pdf> Acesso em: 15 set. 2015.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém**: estudos de geografia urbana. Belém: Universidade Federal do Pará, v. 2, 1968

A LOCALIZAÇÃO, A ECONOMIA E A TERRITORIALIZAÇÃO DA FEIRA DO VER-O-PESO.

A cidade de Belém surge com o propósito de se estabelecer as margens do rio Guamá como um ponto estratégico na dominação do território. Porém, com o passar dos anos a cidade começa a ter uma nova necessidade, a de crescer. E, por essa razão, a cidade se desenvolve de “costas para o rio”, como podemos observar na localização da área comercial de Belém, no contexto da região metropolitana (MAPA 1)).

Essa expressão muito utilizada por pesquisadores paraenses na área da geografia pode ser esclarecida, pois a cidade começa a crescer nas áreas mais altas e o distanciamento do rio vai se tornando algo real na vida da população; as áreas valorizadas são as partes altas, o centro comercial, a Campina e a Cidade Velha, passam a ser preteridos pela elite. Por sua vez, as elites migraram para os locais que outrora eram considerados periferias e começaram a expulsar de forma institucionalizada os que lá viviam.

A representação (MAPA 2), a seguir representada, consegue demonstrar um afastamento do rio e o crescimento da cidade em direção as terras altas; o que antes era área rural da cidade de Belém, como o caso da Avenida Almirante Barroso, que anteriormente abrigava sítios para os barões da borracha, passa a ser a ligação da cidade de Belém com a região metropolitana. E ruas como a Avenida

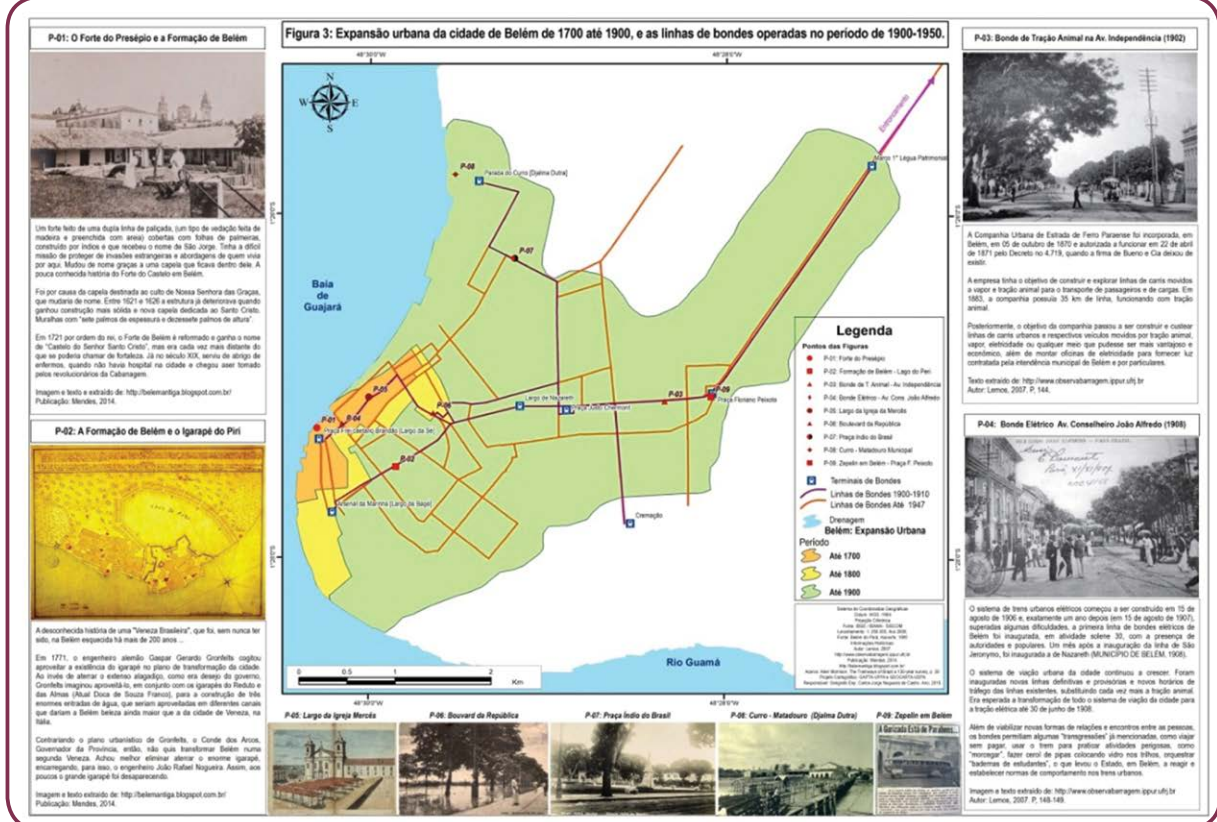
Nossa Senhora de Nazaré e Avenida José Malcher começam a ser embelezadas com mangueiras para minimizar o clima e refrescar a cidade.

Esse crescimento acontece a princípio nas áreas que estão na tonalidade amarelo escuro. Em 1800, a expansão começa a seguir os trilhos do bonde e vai acontecendo um pequeno deslocamento para áreas próximas do centro urbano, o qual esta representada na tonalidade amarela claro.

Nos anos de 1900, a expansão urbana da cidade de Belém atinge as áreas altas que outrora só servia de sítios para a burguesia. Esse direcionamento populacional vai sendo moldado de acordo com as linhas do famoso bondinho que na época era um dos poucos meios de transporte para se chegar ao centro da cidade. As linhas do bonde estão representados no Mapa 2 pelas linhas lilás, as mais antigas de 1900-1910, e as vermelhas, as últimas de 1947.

O crescimento urbano levou a uma expulsão da população mais carente para áreas distantes. Isso, em decorrência de vários fatores, a saber: valores abusivos dos impostos, alto custo das terras, impossibilidades de expansão, entre outros. Esses migrantes passam, então, a morar em locais mais afastados do rio, no eixo da BR-316 ou no sentido da Avenida Augusto Montenegro.

MAPA 2 – Expansão urbana da cidade de Belém de 1700 até 1900.



Fonte: Castro, 2015.

Na década de 1940, o crescimento acelerou e surge o município de Ananindeua, como uma cidade dormitório, ou seja, sua população trabalhava em Belém e se dirigia para o local apenas para dormir, caso muito frequente até a atualidade, em virtude dos preços mais acessíveis dos imóveis, bem como do crescimento urbano que continuar a se manifestar nos dois eixos já citados. Os territórios de Ananindeua, em seguimento Marituba, Benevides, começaram a ser o destino da população paraense menos abastada.

Esse crescimento da cidade poderia muito bem ter deixado de lado o Complexo Ver-o-Peso, até pela distância dessas cidades, pelo trânsito, muitas vezes congestionado, de Belém, pelos *Shopping Centers* espalhados pela capital. Mas, ao contrário, o que se percebe ao visitar o lugar é que ele continua com sua dinâmica comercial e cultural viva, nota-

damente para a população metropolitana.

A economia do Ver-o-Peso é baseada no circuito inferior, caracterizado por atividades comerciais de pequena dimensão. Tais atividades, enraizadas na escala local, favorecem relações privilegiadas com a cidade ou com a região de origem, mas em contextos de economia informal, sem garantias trabalhistas e/ou grandes ganhos.

Os empregos nesse local são quase sempre baseados em parentescos, ou seja, mães, filhas, primos, tios, famílias trabalham na mesma barraca ou em barracas contíguas. O conhecimento, notadamente aquele que é difundido pelas erveiras são herdados, passam de mãe/pai para filhos ou para outros níveis de parentesco. Assim, o trabalho e o conhecimento popular quase sempre resultam em serviços sem a garantia de

direitos trabalhistas e, portanto, estabelece-se a economia informal do circuito inferior.

Os feirantes que trabalham no local já estabeleceram um sentimento de posse de algo que lhes é familiar e, em virtude disto, o que é público para os visitantes, para os feirantes é algo que faz parte de toda a sua vida, e na maioria dos casos, faz parte da herança da família e de seus antecedentes que ganharam a vida no Ver-o-Peso, confundindo muitas vezes a história da família com a história do lugar.

Outro detalhe interessante do Ver-o-Peso é que mesmo estando localizado na capital paraense ele consegue ter características das ilhas, dos índios, dos marajoaras, dos ribeirinhos com cores e cheiros bem presentes do interior paraense, tornando-se integração do urbano, do rural e do fluvial. Esse processo de integração precisa ganhar

visibilidade, mesmo porque não está presente em nenhum livro didático.

O Ver-o-Peso com toda a sua dinâmica, mostra-se repleto de conteúdos que o torna um espaço singular de conhecimento. Na realidade, a localização ribeirinha do Ver-o-Peso mantém a interface imperativa com o mundo rural da Amazônia. A observação do local permite identificar a produção e a manutenção de práticas e saberes “ribeirinhos” em ambiente urbano.

A temporalidade do local também é um aspecto importante a ser mencionado, pois o Complexo do Ver-o-Peso começa a funcionar ainda pela madrugada com o Mercado de Peixe e ao longo do dia vai tendo funções diferentes no mesmo espaço. A Foto 2, abaixo, ilustra a movimentação do local.

FOTO 2: Feira do Ver-o-Peso na atualidade



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

Durante o dia, observa-se que o fluxo de pessoas é maior, que vão ao local para comprar produtos para serem utilizados em suas residências. Já à noite, evidencia-se a circulação de pessoas que buscam os bares do P-02, entre outras coisas. Essa mudança de atores também

nos revela a territorialidade do local. Percebemos que o Ver-o-Peso possui territorialidade flexível, ou seja, as relações de poder vão sendo alteradas no transcorrer do dia e, conseqüentemente, os atores também vão se adaptando, de acordo com seus objetivos.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

CORREA. Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

HEIDRICH, Álvaro Luiz; HEIDRICH, Bernardete Beschorner. **Geografia: ensino fundamental**. Coordenação de Marísia Margarida Santiago Buitoni. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v.22)

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS. Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. São Paulo: Editora USP, 2008.

SOUZA. Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004.

FARMACOLOGIA E “ENCANTARIAS” DO VER-O-PESO

O ponto mais visitado pelos turistas, e talvez o mais famoso do Ver-o-Peso, é o setor das ervas medicinais e das “encantarias”. Inclusive, bastante divulgado pelos meios midiáticos, notadamente no que diz respeito às culturas indígenas e africanas encontradas ali. As ervaíras estão localizadas próximo

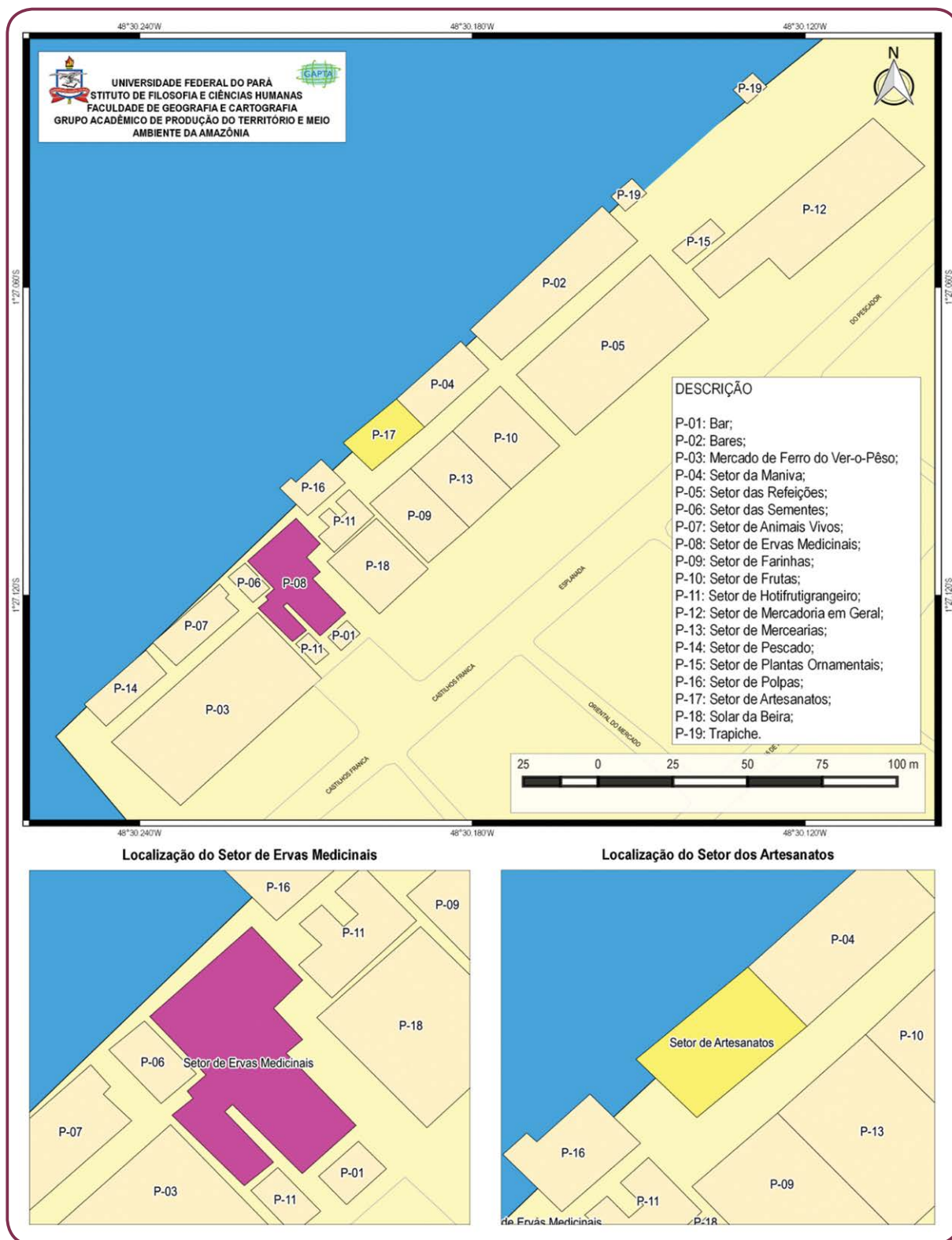
do Mercado de Peixe (à direita), em frente ao Mercado de Carne. O setor das ervas (P-8), conforme destacado na Foto 3 e no Mapa 3, está organizado em 80 barracas, com a participação de 102 ervaíros(as) e ajudantes. Dessas barracas, 50 são ocupadas por mulheres conhecidas como as *cheirosas* e 30 por homens, os *ervaíros*.

FOTO 3: Setor das ervas do Ver-o-Peso



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

MAPA 3 – Localização do setor das ervas



Fonte: Lisboa, 2019.

A grande riqueza desse local se dá, principalmente, no conhecimento das *cheirosas* e *erveiros*, conhecimento que tem passado de geração em geração, constituindo-se conhecimento/saberes restritos as famílias, ora adquiridos dos índios ora adquiridos dos africanos. Uma palavra que consegue resumir o setor das ervas é “tradição”, do latim *traditum*, isto é, qualquer coisa que é transmitida ou trazida do passado. Interessante destacar que as *cheirosas* e os *erveiros* tratam sua clientela com discrição, notadamente ao lidar com a motivação da clientela, que busca solução para o seu problema.

Outro aspecto importante a ser destaque, é que em função da não repartição de benefícios oriundos da comercialização dos produtos que se baseavam nos conhecimentos tradicionais desse grupo de pessoas, em evento passado, envolvendo uma grande empresa cosmética,

conforme relato dos próprios sujeitos, materializa-se, na atualidade, na resistência quando se trata de informar os benefícios, as formas de utilização, os locais aonde são encontradas as ervas, entre outros aspectos. Essa transmissão de costumes relacionada à maneira de manusear as ervas, beneficiá-las ou mesmo negociá-las com os ribeirinhos do interior, é informada oralmente. Em realidade, são conhecimentos/saberes adquiridas pelos antepassados/gerações anteriores, que trabalhavam no Ver-o-Peso.

A Foto 4 registra a imagem de uma das barracas das “encantarias” e sua ornamentação. O destaque nas barracas são as fotografias dos antepassados que também trabalharam no local, uma reverência àqueles que transmitiram seus conhecimentos e que tem contribuído com a perpetuação da tradição. Tais conhecimentos são de natureza empírica e tácita.

FOTO 4 - Barraca das “encantarias” no Ver-o-Peso



Fonte: Lisboa, Agosto 2019.

A preocupação de resguardar o conhecimento familiar tornou-se característica importante no reconhecimento das *cheirosas* e dos *erveiros* como uma comunidade tradicional, pois não é a localidade de moradia que determina este termo e sim sua cultura fatores sociais e até espirituais. As ervas do

Ver-o-Peso são objetos da etnofarmacologia, uma vez que o conhecimento tradicional, muitas vezes, configura-se como início do conhecimento científico. A Foto 5 mostra algumas das ervas que são comercializadas *in natura*, para fins de preparo de diversos remédios caseiros

FOTO 5 - Barraca de ervas no Ver-o-Peso



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

De todo modo, a etnofarmacologia quando aliada a Educação Ambiental pode apresentar uma nova dimensão ao processo educacional. Isso porque, ao valorizar informações que são veiculadas na informalidade das ações cotidianas, traz toda uma discussão sobre as questões ambientais e as consequentes transformações de conhecimentos culturais.

Por essa razão, precisamos fazer uma reflexão com os alunos sobre a utilização do conhecimento tradicional, repartição de benefícios de produtos oriundos destes conhecimentos, a pre-

dominância do caráter exploratório e do viés econômico, a biopirataria, a importância conferida ao conhecimento científico em detrimento dos demais conhecimentos, entre outros aspectos.

A barraca ideal para estabelecer um diálogo entre alunos e *cheirosas/erveiros* é a da Dona Beth Cheirosinha. Amplamente conhecida na feira e no estado do Pará, e pela mídia nacional, mostra-se atenciosa no atendimento de grupos de natureza diversa, inclusive alunos, buscando sempre que possível esclarecer sobre os benefícios e a utilização das ervas.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ALBAGLI, Sarita. Palestra magna “Interesse global no saber local: a geopolítica da biodiversidade”. In: Seminário Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia. Belém (PA), 10 a 12 de setembro de 2003. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/96/1/AlbagliSeminario2003.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 4. ed. Rio Janeiro: DP&A, 2000.

LOPES, Teresa Cristina, LIMA, Wilcléa da Costa; ALMEIDA, Jedna Kato Dantas de (Orientadora). Erveiros (as) do Ver-o-Peso, em Belém do Pará: um estudo etnográfico. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, a. 3, n. 9, 2010. Disponível em:<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Erveiros_do_Ver_o_Peso.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2015.

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão geográfica**. In: Secretaria de Estado de Educação, Conselho Estadual de Cultura, CEJUP. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: Secretaria de Estado de Educação, Conselho Estadual de Cultura, CEJUP, v.1, 1989.

MOREIRA, Eidorfe. Conhecimento tradicional e a proteção. **T&C Amazônia**, Manaus, v.5, n. 11, 2007. Disponível em: <https://portal.fucapi.br/tec/imagens/revistas/005_rev011_conhecimento_tradicional_e_a_protecao.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2015.

A “ARTE MARAJOARA” PRESENTE NO VER-O-PESO

Os artesanatos possuem uma área restrita para sua divulgação e lá é muito fácil encontrar materiais próprios da cultura paraense como o patchouli, um conjunto de espécies de plantas do gênero *Pogostemon*, que se adequam a fabricação de vários objetos artesanais; também podemos encontrar bijuterias confeccionadas com sementes de plantas da Amazônia, peças com reproduções da arte marajoara. No Mapa 3, também podemos verificar a localização do setor dos artesanatos.

A arte dos povos marajoaras é herdada dos povos pré-colombianos que viviam no arquipélago do Marajó. E, demonstram uma necessidade do povo em utilizar alguma forma de se expressar e não, necessariamente, de fazer arte. Cada grupo pintava seus objetos de uma maneira diferente, como forma de separar grupos sociais distintos e assinalar as regras de cada grupo.

As peças marajoaras, originais, são muito diversificadas, este fato se dá pela presença de muitos grupos que viveram no arquipélago do Marajó. Observa-se, quase sempre, que a arte marajoara ora se caracterizava pelo zoomorfismo (representação de animais) ou pelo antropomorfismo (representação do homem ou parte dele), bem como a conjunção das duas formas (antropozoomorfismo).

Essas representações são chamadas de “realistas” ou “naturalistas”, por expressarem semelhança com a realidade, e “icônicas”, por suas formas simples ou estilizadas de expressão. As peças marajoaras, quase sempre, são grafismo de representações naturalistas e representações geometrizes.

Os animais representados na arte marajoara não serviam de alimento para a tribo, uma vez que eram peçonhentos ou ferozes, mas, faziam parte da mitologia e das histórias contadas oralmente na sociedade primitiva. Essas peças decoradas eram utilizadas em grandes festas das tribos, tais como rituais e cerimônias, ou seja, não eram louças usadas no cotidiano, por esta razão apenas 10% das peças encontradas em sítios arqueológicos são decoradas. Na Foto 6, que se segue, registramos as imagens de peças artesanais com traços da arte marajoara, comercializadas no Ver-o-Peso.

FOTO 6 - Peças em “arte marajoara” expostas no Ver-o-Peso



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

Essas representações da arte marajoara são muito pesquisadas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), e é lá que estão guardadas muitas peças encontradas e estudadas para tentar entender o significado de cada desenho e traço nos objetos. A coleção Marajoara é composta de 2.167 peças, sendo que 1.067 pertencem ao MPEG e 1.177 são de propriedade do Governo do Estado do Pará, que elegeu o MPEG como fiel depositário desses objetos. Na Foto 7, apresentamos a imagem de dois artefatos encontrados nos sítios arqueológicos da ilha do Marajó.

O estudo de sítios arqueológicos é uma prática científica diversificada, que busca analisar pinturas e gravuras rupestres, vasilhas de cerâmica, entre outros vestígios arqueológicos repletos de simbolismo, que oferecem pistas sobre a vida e a cultura ancestrais. Ela é uma ciência que rompe a barreira do tempo para reconstruir o passado da humanidade com vistas ao entendimento da sociedade atual, a partir de objetos concretos produzidos pelas mãos do homem, deslocados do seu tempo e de sua utilização. No Mapa 4, a seguir apresentado, indicamos alguns sítios arqueológicos presente na Ilha do Marajó.

FOTO 7: Peças encontradas em sítios arqueológicos



a



b

(a) Vaso com olhos criados por incisões formando um corpo

(b) Tigela rasa com motivo decorativo em marrom, estilizado de escorpião

Fonte: Amorin, 2010

MAPA 4 - Localização dos sítios arqueológicos do Arquipélago do Marajó



Fonte: Disponível em: <http://www.istoé.com.br>. Acesso: 11 de jun. 2018.

Esses símbolos mostrados na Foto 7 são alguns dos mais presentes nas peças encontradas nos sítios arqueológicos do arquipélago do Marajó, e também se constituem no conjunto, as bases para a criação dos desenhos das reproduções cerâmicas de Icoaraci, comercializadas na feira do Ver-o-Peso. A arte marajoara após descoberta passou a ser reproduzida com muita excelência por artesãos do distrito de Icoaraci, os quais começaram a criar objetos para a decoração. Então, percebemos que o objetivo mudou, pois os desenhos que antes eram para estabelecer regras nos grupos, atualmente a utilização é para decoração, embelezamento e arte.

O artesão Antonio Farias Viera, na década de 1950, começou a produzir peças baseadas em uma fotografia de um vaso marajoara. Em meados de 1968, o “Mestre

Cardoso”, Raimundo Saraiva Cardoso, em visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi apaixonou-se pelas peças que lá visualizou, recebeu o apoio dos pesquisadores Conceição Gentil e Mário Simões, os quais formaram uma parceria com o intuito de fortalecer a cultura local. E, assim, o Sr. Cardoso começou a frequentar a reserva técnica e participar de treinamentos com as peças originais.

Então, passa-se a difundir os traços da arte marajoara na fabricação de peças cerâmicas por parte dos artesãos de Icoaraci. O motivo marajoara pode ser entendido como referente que identifica o paraense como o “detentor” da cultura marajoara e como ícone unificador dessa sociedade. Podemos observar, na Foto 8, as imagens de algumas desses artesanatos.

FOTO 8 - Peças artesanais



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

As peças feitas pelos artesãos paraenses, nas olarias do bairro do Paracuri, no distrito de Icoaraci, estado do Pará, são reminiscências vivas do passado. Mas, também, observam-se adaptações como, por exemplo, a inclusão de

desenhos como sapos e lagartos, não presentes nos artefatos marajoaras originais, constituindo-se ressignificações das representações marajoaras. Podemos encontrar, também, no setor de Artesanatos, peças feitas com cipós.

FOTO 9 – Outros tipos de artesanatos (cipós, madeira etc.)



Fonte: Lisboa, agosto 2019.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica marajoara**: a comunicação do silêncio. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

BARRETO, C. **Arte e arqueologia na Amazônia antiga**. Inglaterra: University of Oxford; Centre for Brazilian Studies, 2005. (Working Paper 66). Disponível em: <http://www.lac.ox.ac.uk/sites/sias/files/documents/Cristiana%2520Barreto%252066.pdf>. Acesso em: 15 set. 2005.

SCHAAN, Denise Pahl. **A representação humana na arte marajoara**. Texto escrito para a exposição Marajó: retratos de barro. Belém: Museu de Arte de Belém, 1999.

SCHAAN, Denise Pahl. A arte da cerâmica marajoara. Encontros entre o passado e o presente. **Habitus**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 99-117, 2007.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro; SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa dos; RAVENA, Nírvea. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel. **Belém**: a cidade e o rio na Amazônia. Belém: EDFUFPA, 2005. p. 12-43.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

ATIVIDADES PROPOSTAS

ATIVIDADE 1

Objetivo Geral

⇒ Observar como a nossa história modela a nossa cultura

Ao visitar o Complexo do Ver-o-Peso o aluno observará a parte estrutural e perceber as características do local.

- Que características da *Belle Époque* você conseguiu perceber no Complexo do Ver-o-Peso?

Espera-se que o aluno fale da estrutura do Mercado de Ferro, dos casarões que estão próximos ao Ver-o-Peso.

- Na sua percepção, qual a importância do rio para a cidade de Belém?

O rio até os dias atuais tem uma relação de locomoção/transporte para os ribeirinhos e suas atividades comerciais; para muitos, é o único meio de se chegar a capital paraense.

- Que palavras você ouviu no Ver-o-Peso que você consegue identificar como sendo algo nosso, típico do Pará?

Palavras como Égua, Pai-dégua, Bacuri, Taperebá, Patichuli etc.

As atividades a seguir são para estimular a ludicidade e a criatividade dos estudantes frente às observações do local.

- Os alunos podem ser convidados a fazer uma história em quadrinhos sobre o Ver-o-Peso, relativas à sua história, à sua criação e aos aspectos

derivados das impressões particulares do local.

- O Complexo do Ver-o-Peso possui uma variedade de formas geométricas em seus diversos ambientes, peça aos alunos que observem estas formas e que as representem na forma de desenhos, chame atenção sobre a proporcionalidade.

Caro professor, estimule seus alunos a desenvolverem sua criatividade por meio dos desenhos e da escrita.

ATIVIDADE 2

Objetivo Geral

⇒ Estimular no aluno o espírito investigativo e a importância do local

- Solicitar aos alunos que observem os seguintes aspectos da feira do Ver-o-Peso:

– as ervas mais encontradas na feira, após o que solicite a elaboração de um gráfico para representar os quantitativos em termos relativo e percentual;

- os nomes das “encantarias” e correspondente quantitativo, representar esses aspectos na forma de gráfico.
- Indagar os alunos se eles utilizam algum remédio caseiro encontrado na feira do Ver-o-Peso? Se sim, qual(is)? E qual a sua indicação? Como você consegue esse remédio? Você tem alguma erva medicinal plantado

no seu quintal? Em sua opinião, preservar essa cultura é importante para a nossa sociedade? Que avaliação você faz sobre a repartição ou não dos benefícios da criação de um determinado produto (a exemplo de remédios, cosméticos etc.), oriundos dos conhecimentos tradicionais. Você utiliza as “encantarias” encontradas no Ver-o-Peso?

- Peça aos alunos que os mesmos levantem os nomes científicos das ervas encontradas no Ver-o-Peso
- Solicitar ao aluno que observe que unidades de medida são utilizadas pelos feirantes?

Nesse aspecto, espera-se que o aluno perceba que a medida Litro é muito utilizada para sólidos, uma característica bem peculiar da nossa região.

- Solicitar aos alunos que pesquisem junto aos feirantes se os mesmos falam o idioma inglês e quais as nacionalidades dos turistas que visitam a feira, expressando em gráfico de pizza. Indague, então, qual a importância desse fato – falar inglês – para a dinâmica da feira.

Caro professor, nessa atividade estamos propondo a você que seja estimulado no seu aluno a observação, registro de informações e sua representação em gráficos. Outro aspecto importante nessa atividade é trabalhar com os alunos a relação da comunicação com outros países do mundo e da importância global do local, atraindo turista do mundo todo.

ATIVIDADE 3

Objetivos Gerais

- ⇒ Valorizar a cultura alimentar local
- ⇒ Perceber a influência das estações na produção e na comercialização de alimentos.

Faça as seguintes indagações:

- As frutas vendidas no Complexo são regionais?
- Essas frutas são encontradas durante todo o ano ou em épocas específicas?
- São encontradas em todo o estado ou apenas em algumas regiões?
- Que frutas os turistas costumam comprar mais, segundo informações dos feirantes?

ATIVIDADE 4

Objetivo Geral

- ⇒ Estimular o aluno a perceber a organização espacial e os problemas sociais do local.

Após a visita ao local solicite ao aluno que elabore um mapa da organização da feira do Ver-o-Peso, lembrando que um mapa precisa de um título, de uma legenda e de proporcionalidade.

Caro professor, é necessário que seus alunos percebam a divisão do espaço dentro do Complexo e que esta organização baseia-se no tipo de produto comercializado, portanto, o mapa é uma ferramenta para você avaliar se seus alunos conseguiram entender a organização do local.

- Indague aos alunos que problemas sociais eles conseguiram perceber no espaço da feira do Ver-o-Peso. Faça um debate com a formação de dois grupos para que uma parte da sala defenda

a resolução dos problemas sociais e a outra parte fale da dificuldade em resolvê-los. Você estará incentivando a oralidade e argumentação dos alunos e, ainda, o interesse pela pesquisa e pela resolução dos problemas sociais.

ATIVIDADE 5

Objetivo Geral

⇒ Favorecer a valorização da singularidade que caracteriza a região amazônica e seu povo.

Com a utilização da canção abaixo, vamos refletir sobre o seu conteúdo, notadamente da crítica à imagem que se tem da região e do estado.

Belém Pará Brasil Mosaico de Ravena

Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um Condomínio
Coitada da Cidade Velha,
que foi vendida pra Hollywood,
pra se usada como albergue
no novo filme do Spielberg
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando
em vocês
A culpa é da mentalidade
Criada sobre a região
Por que é que tanta gente teme?
Norte não é com M
Nossos índios não comem ninguém
Agora é só Hambúrguer

Por que ninguém nos leva a sério?
Só o nosso minério
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando
em vocês
Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola
Chega das coisas da terra
Que o que é bom vem lá de fora
Transformados até a alma
sem cultura e opinião
O nortista só queria fazer
parte da Nação
Ah! chega de malfeituas
Ah! chega de tristes rimas
Devolvam a nossa cultura!
Queremos o Norte lá em cima!
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!
Isso é Pará!
Isso é Brasil!

- Peça aos alunos que destaquem os trechos que mais chamaram atenção deles, e por quê?

Espera-se que o aluno identifique trechos da música que expressem valores inferiores conferidos a localidade, a destruição da cultura local em detrimento dos processos globalizantes, a imagem “selvagem” da região etc.

Exemplo:

Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um Condomínio
Coitada da Cidade Velha,
que foi vendida pra Hollywood,
pra se usada como albergue
no novo filme do Spielberg

- Pergunte se o conteúdo da canção refere algum aspecto observado na feira no processo de visitação, relativo à cultura local.

Exemplo:

Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola

- Peça aos alunos que analisem a frase **“Norte não é com “m”**. Promova uma discussão, acolhendo todas as manifestações e refletindo sobre um passado que referia a Amazônia como um inferno verde, local de selvagens, entre outros aspectos.

ATIVIDADE 6

Objetivo Geral

⇒ Problematicar com os alunos as mazelas sociais da capital, no sentido de uma formação sensível aos problemas locais.

A reportagem do Jornal O Liberal do dia 12 de janeiro de 2016 intitulada “Ver-o-Peso é “cidade” que nunca para” aborda este local como epicentro da vida comercial de Belém e a intitula como universidade do Ver-o-Peso:

Ver-o-Peso é a “cidade” que nunca para

Muito mais que a maior feira livre aberta da América Latina, o Complexo do Ver-o-Peso pode ser considerado uma cidade grande que não para. Do alto da experiência e da sabedoria de mais de três séculos nasceu nos braços de Belém, sendo eleito maior símbolo dos 400 anos da capital paraense que neste 12 de janeiro de 2016, torna-se uma bela senhora quatrocentona.

Segundo dados da Secretaria de Economia (SECON) cerca de um 1,5 milhão de pessoas, entre consumidores e trabalhadores, circulam no local por mês. Serra da saudade, no estado de Minas Gerais, a cidade com menos habitantes em todo o país, conta aproximadamente 825 moradores.

Em se tratando de território, o título de menor cidade no Brasil fica com Santa Cruz de Minas, que segundo o IBGE, possui apenas 3,6 quilômetros quadrados, quase dez vezes menor que a área do Ver-o-Peso, com seus 35 Km², espalhados entre o Mercado de Peixe (ou de Ferro), Mercado de Carne (ou Bolonha), Praça do Relógio e Solar da Beira, tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1997, além da Feira de Alimentação, Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e a “Pedra”, área de desembarque do pescado.

A SECON é responsável formal pela administração desta “cidade” e conta com o apoio de um condomínio formado por feirantes de 21 setores, dos 57 que formam o Complexo. Órgãos estaduais e parcerias privadas apoiam ora a boa, ora a deficiente administração dessa área que em sua dimensão cotidiana é o epicentro da vida comercial de Belém.

EDUCAÇÃO

Na universidade do Ver-o-Peso se aprende a ousar, não temer, inovar e criar. Na verdade, aprende-se de tudo, mas o que se aprende mesmo é a arte do comércio, razão de ser de sua criação, como posto de fiscalização e tributos que deu origem à sua denominação originária de Haver-o-Peso, quando uma balança e um funcionário público eram o elo entre pescadores, compradores e a corte portuguesa, que buscava estabelecer um rígido controle alfandegário (fiscalização e tributos) da pesca na Amazônia.

O uso de máquinas financeiras e científicas faz-se desnecessária na vida acadêmica e profissional, afinal fazer “conta de cabeça” é bem mais rápido e lucrativo. Como um grande mercado persa, dois mais dois nem sempre é quatro, dividir em granel resulta multiplicar os lucros e um quilo pode variar para mais e para menos de 1.000 gramas.

SAÚDE

Na área da saúde, remédios nunca faltam. Há abundância de todos os tipos. Das famosas marcas multinacionais, vendidas a retalho, por preço bem mais barato que as redes medicinais que curam, além do corpo, os males da alma: de espinhela caída à dor-de-cotovelo, o Ver-o-Peso tem remédio para tudo. À medida que os problemas de amor se complicam, os remédios vão se tornando mais poderosos: “queira ou não queira tem que me queira” e o uso de “pedaços do sexo da bota ou do boto” em infusão.

RENDA

As cidades ribeirinhas, das regiões do Baixo Amazonas, do Marajó e da costa paraense são as maiores beneficiárias econômicas de um Ver-o-Peso que não dorme. São pelas “ruas” dos rios que chegam os peixes e crustáceos, a

carne produzida no arquipélago das ilhas, as frutas regionais, as ervas medicinais, as plantas ornamentais, os artesanatos, as farinhas e gomas, as castanhas e as aves locais, tudo produto exótico para os turistas.

Segundo dados antigos da SECON, cerca de 1,3 milhão são injetados, todos os dias, na receita do erário estadual com a comercialização dos diversos produtos do Complexo, onde trabalham mais de 5 mil pessoas distribuídas em cerca de 12 atividades comerciais.

MAZELAS

À semelhança das grandes cidades, grandes são as mazelas do Complexo: drogas, prostituição, mendicância, desperdício, violência, e muita exploração. Notadamente quanto a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador (mais valia, segundo Karl Marx)

O Ver-o-Peso é muito mais que a maior feira da América Latina. Nesta “cidade”, a história de Belém, do Pará e da Amazônia se consolida e se perpetua por meio de uma escola viva, com seus costumes e tradições. É um espaço de bens simbólicos, que alimenta o corpo, a alma e o espírito de uma cidade que mantém elos com o rio e a floresta e neste janeiro de 2016, completa 400 anos, com muito de sua bela história perdida.

Como presente, pediremos à Virgem de Nazaré misericórdia pela tragédia que muitos setores de Belém vivem, indulgências aos administradores locais pelas enormes faltas e ausência cometidas e proteção, muita proteção, para não se tornar realidade a canção “vão destruir o Ver-o-Peso e construir um *shopping center*...”

Diretoria Socioambiental da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-PA)

Cite um exemplo em que o Ver-o-Peso funciona como universidade?

Percebe-se que o conhecimento é transmitido de geração em geração e a arte do comércio.

- E em qual setor da feira é mais fácil perceber essa troca de conhecimento?

Nas ervas

- Quais as mazelas sociais apontadas na reportagem?

Drogas, prostituição, mendicância e violência são algumas das opções de resposta.

ATIVIDADES 7

Objetivo Geral

⇒ Estimular o aluno para atividades de pesquisa, de trabalho em grupo e de socialização, valorizando, assim, o caminho percorrido na construção do conhecimento.

Após o término de todas as observações e confecções de gráficos, mapas e história em quadrinhos, vamos montar um Jornal para ser distribuído em toda a escola, com o intuito de divulgar os conhecimentos adquiridos na visita. Para a realização dessa atividade recomendamos que os alunos fotografem a visita e anexe ao jornal, além das fotografias, os gráficos, os mapas, a história em quadrinho, a pintura e todos os “produtos” relativos a atividade. Você poderá dividir os alunos em grupos e cada equipe realizará uma sessão do Jornal.

Esperamos que este Guia contribua para o seu fazer docente!

Gleyce Thamirys Chagas da Silva
Nívia Magalhães da Silva Freitas
Nadia Magalhães da Silva Freitas

